

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.003



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

CRISTOLOGIA SINÓTICA: A MISSÃO DO MESSIAS, SERVO E SALVADOR NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Synoptic Christology: the mission of the Messiah, servant and savior in the
Synoptic Gospels

Renato Goes Damasceno¹

RESUMO

O trabalho a seguir destacou as particularidades em cada um dos três evangelhos canônicos que descrevem a pessoa e a missão de Jesus, demonstrando também a importância da devida correlação entre os três relatos sinóticos, que apesar de empregarem diferentes abordagens, apontam para a mesma pessoa, porém enfatizando diferentes aspectos de sua obra e missão.

Palavras-chave: Evangelhos. Sinóticos. Jesus. Mateus. Messias. Marcos. Servo. Lucas. Salvador.

ABSTRACT

The following work has highlighted the particularities in each of the three canonical synoptic gospels that describe the person and mission of Jesus, also demonstrating the importance of the proper correlation between the three synoptic accounts, which despite employing different approaches, point to the same person, but emphasize different aspects of his work and mission.

Keywords: Gospels. Synoptic. Jesus. Matthew. Messiah. Mark. Servant. Luke. Savior.

¹ O autor é graduado em Teologia pela FTBB – Faculdade Teológica Batista de Brasília e pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1516-1179> E-mail: regodam@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O cânon do Novo Testamento começa pelo conjunto dos quatro Evangelhos, que consistem no relato sobre a vida e a obra de Jesus, descrevendo suas palavras e ações, seus ensinamentos e milagres. Do grego *εὐαγγέλιον* ("euangelion"), o termo traduzido como Evangelho tinha na literatura clássica seu significado associado à recompensa concedida a todo aquele que trouxesse boas notícias. Na Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento para o idioma grego, o termo ocorre apenas em 2Samuel 4.10, em referência à recompensa que se concedia ao portador de boas notícias. Posteriormente, o termo passou a ser associado diretamente às próprias boas novas, tanto no contexto do Novo Testamento como da literatura cristã produzida a partir de então.²

Dessa forma, o termo Evangelho passou a ser empregado e também entendido como as boas novas, ou seja, a boa notícia da vinda de Jesus ao mundo, não só para trazer seu ensino, mas principalmente por sua obra redentora em favor de todo aquele que nele crê. Trata-se de uma boa notícia à medida que cumpre as promessas acerca da vinda do Messias, conforme largamente se encontra em todo o texto do Antigo Testamento, desde Gênesis 3.15 até as palavras finais da profecia de Malaquias: "Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas [...] Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor" (Ml 4.2,5).

Ainda segundo Douglas, pelo fato de possuírem a mesma essência e propósito – relatar a vinda de Jesus ao mundo – os quatro livros eram referidos pelos eruditos das Escrituras no singular: o "Evangelho" significa então o relato sobre Jesus nos quatro livros que o descrevem em sua vida e obra; posteriormente passou-se ao uso do termo no plural, evidenciando assim as diferentes ênfases sobre Jesus que cada evangelista, divinamente inspirado, empregou em seu relato.

Uma vez que os quatro Evangelhos relatam a mesma história, há alguns pontos muito semelhantes, ao mesmo tempo em que também há pontos bem distintos entre eles, conforme destaca Dockery:

Cada evangelho é atribuído a uma pessoa que testemunhou os acontecimentos que se descrevem ou obteve relatos de testemunhas oculares. Cada um dos evangelhos presta informações peculiares que nenhum dos outros tem. Cada Evangelho foi escrito por pessoas diferentes, em épocas distintas, em lugares que variaram e em situações peculiares.³

No estudo específico dos Evangelhos, embora haja diferenças e peculiaridades no relato de cada evangelista, fica evidente as semelhanças nos três primeiros relatos do cânon neotestamentário: Mateus, Marcos e Lucas têm muito material em comum – fazendo inclusive que alguns afirmem que os três evangelistas podem ter utilizado uma mesma fonte. Dockery

² DOUGLAS, J.D. (Org.). **O novo dicionário da Bíblia**. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 566.

³ DOCKERY, David S. **Manual bíblico Vida Nova**. Tradução de Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 573.

destaca que mais de 600 dos 661 versículos de Marcos também se encontram no relato de Mateus, e aproximadamente 380 versículos de Lucas se assemelham ao material de Marcos.⁴

Diante dessas semelhanças, os três Evangelhos são comumente denominados “Evangelhos Sinóticos”. Foram assim chamados pela primeira vez por J.J. Griesbach, um alemão estudioso da Bíblia, no fim do séc. XVIII. O termo “sinótico” vem do grego σύνοψις (“synopsis”) que significa “ver em conjunto”. As semelhanças estão tanto na estrutura dos relatos como em seu conteúdo, sendo visíveis até mesmo aos leitores menos atentos; essas semelhanças tanto unem os três Evangelhos Sinóticos como também os diferenciam do quarto Evangelho, registrado pelo apóstolo João.⁵

As inegáveis semelhanças – tanto estruturais como textuais, por vezes até no uso dos mesmos termos – não impedem que sejam percebidas também as diferentes ênfases que cada evangelista escolheu empregar ao descrever a vida e obra de Jesus durante seu período de ministério na terra. Como afirma Dockery, “cada escritor adaptou sua maneira de narrar a história [de Jesus] para atingir propósitos próprios”.⁶

Essa talvez seja a característica mais interessante da análise conjunta dos Evangelhos, não apenas os Sinóticos: Por que a Bíblia oferece quatro livros com o mesmo relato? Mais ainda: por que três desses livros, além de narrar a mesma história, ainda o fazem sob óticas tão semelhantes a ponto de serem cognominados de “Sinóticos”? A resposta a essa questão encontra-se na ênfase que cada um dos Evangelhos Sinóticos atribui à pessoa de Jesus, mais especificamente, aos títulos cristológicos que são conferidos a Jesus em cada um dos Evangelhos Sinóticos, destaques que serão apresentados na sequência deste escrito.

1. JESUS, O MESSIAS

O papel de Jesus como Messias é evidente no Evangelho escrito por Mateus. A promessa messiânica pode ser vista ao longo de todo o Antigo Testamento, desde o Pentateuco – ainda no começo do relato de Gênesis – passando por todos os livros, quer históricos, quer poéticos ou proféticos.

O cumprimento da promessa divina sobre a vinda, o ofício e a missão do Messias são demonstrados por Mateus: por essa razão, seu relato – o primeiro dos Sinóticos pela ordem do cânon neotestamentário – precisa ser observado em seu contexto original para que se possa extrair a mensagem que pretende comprovar.

1.1 Contexto e propósito de Mateus

O primeiro dos Evangelhos Sinóticos foi redigido por Mateus: essa é a afirmação que prevalece desde o segundo século, quando os títulos dos Evangelhos foram acrescentados. Dockery afirma que, embora o registro seja anônimo, a tradição da igreja primitiva aponta de forma unânime para o apóstolo Mateus como autor do relato que abre o cânon do Novo

⁴ DOCKERY, 2001, p. 573.

⁵ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 19.

⁶ DOCKERY, 2001, p. 573.

Testamento.⁷ Segundo Hendriksen, a tradição é unânime ao indicar Mateus, e nenhum outro, como autor do primeiro Evangelho,⁸ destacando ainda importantes líderes da igreja na era patrística que também afirmavam a autoria de Mateus, tais como Eusébio, Orígenes e Irineu.

O nome Mateus é tradução do grego Μαθθαῖος (*Maththaios*) e tem a mesma raiz do nome Matatias, do hebraico מַתַּתְיָא (Mataṭyâ) o qual é mencionado na genealogia de Jesus em Lucas 3.25-26, que significa “presente de Yahweh”. Também é chamado Levi (Mc 2.14,15; Lc 5.27,29) que vem do hebraico לֵוִי (*Lēvî*), nome do terceiro filho de Jacó e Lia, que deu origem à tribo dos levitas. Tudo isso deixa clara a inquestionável origem hebraica do autor desse Evangelho.

Mateus era publicano, conforme atesta seu Evangelho (Mt 10.3), ou seja, era um coletor de impostos a serviço do Império Romano, o que traz algumas implicações que precisam ser observadas. A primeira delas é que se tratava de um ofício que demandava conhecimento não só do idioma hebraico, mas também do grego, já que deveria apresentar relatórios oficiais sobre os valores arrecadados: isso credencia Mateus a ser um importante redator, não só de anotações rápidas, mas até mesmo um relato estruturado e organizado sobre a vida e o ministério de Jesus.

Hendriksen também chama atenção para a fervorosa religiosidade do judeu Mateus, que prontamente atendeu ao chamado de Jesus para segui-lo (Mt 9.9; Mc 2.14; Lc 5.27). A partir disso, é plausível afirmar que Mateus teria muita familiaridade com o Antigo Testamento, não somente na versão em hebraico como também em grego, na Septuaginta, permitindo-lhe fazer interpretações de textos do Antigo Testamento diante dos feitos e dos ensinamentos de Jesus que testemunhava.⁹

Além disso, é preciso destacar que a atividade de coletor de impostos, embora financeiramente rentável e vantajosa junto à aristocracia judaica, conferia a Mateus uma condição bastante desfavorável diante de seus patrícios, já que era um funcionário a serviço do império que oprimia os judeus. Sobre isso, Keener afirma que “muitos religiosos desprezavam os coletores de impostos, vendo-os como colaboradores dos romanos ou agentes das aristocracias opressoras aliadas a Roma”.¹⁰

Interessante observar que Mateus era um autêntico judeu, mas por força de seu ofício, era alvo de profundo desprezo por parte de seu povo. Isso não o impediu de, diante do testemunho ocular quanto aos sinais realizados por Jesus, redigir um estruturado relato sobre a chegada ao mundo de Jesus, o Cristo (Mt 1.1). Seu Evangelho é notoriamente dirigido ao seu próprio povo, mesmo sendo por ele desprezado e até odiado. Como autêntico judeu, conhecedor das Escrituras que prometiam a vinda do “Ungido de Deus”, Mateus se viu compelido a testemunhar aos judeus como ele sobre a chegada do tão aguardado Messias. Seu conhecimento certamente foi utilizado pelo Espírito Santo, que o inspirou a escrever um

⁷ DOCKERY, 2001, p. 578.

⁸ HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento – Mateus, vol. 1.** Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 143.

⁹ HENDRIKSEN, 2001, p. 143.

¹⁰ KEENER, Craig. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento.** Tradução de João Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 151.

relatório não sobre finanças terrenas, mas sobre o tesouro divino tão esperado por Israel e graciosamente oferecido ao mundo: o Messias de Deus, aquele que veio para livrar os judeus não só da extorsão dos coletores de impostos, mas principalmente daquele que cobraria a dívida eterna por seus pecados.

1.2 A Missão do Messias

Mateus inicia seu relato apresentando Jesus como o Cristo (Mt 1.1). Trata-se de um adjetivo, do grego Χριστός (*Christos*) que significa “ungido, consagrado”, pois vem do verbo χρίω (*chriō*), que significa literalmente “derramar ou esfregar com óleo”, ou seja, ungi, consagrar ao serviço religioso. Strong afirma que o termo “Cristo” tem relação com o Antigo Testamento, em referência aos que eram ungidos com óleo santo, principalmente o sumo sacerdote, conforme Levíticos 4.5,16.¹¹

Porém, o termo hebraico encontrado no texto veterotestamentário, e por isso largamente conhecido entre os judeus é מָשִׁיחַ (*māšîaḥ*), traduzido como “ungido”, com 38 ocorrências no Antigo Testamento. O termo pode se referir ao divino comissionamento de sacerdotes (Lv 4.3,5,16; 6.22), bem como assinalar a realeza dos reis de Israel (1Sm 2.10; 16.6; 24.6,10) e até mesmo a Ciro (Is 45.1), imperador persa que liberou os exilados judeus para retornar a Jerusalém. Strong assim comenta sobre o uso do termo “ungido” no Antigo Testamento: “Portanto, é preciso entender essa caracterização, não como uma declaração da bondade e perfeição inerente ao indivíduo [...] Pelo contrário, é uma declaração da designação ou escolha, da parte de Deus, de um indivíduo para uma tarefa”.¹²

Dessa forma, percebe-se que “Cristo” e “Messias” são termos de origens distintas, mas de significado semelhante: enquanto “Cristo” é a transliteração do grego (Χριστός), “Messias” é tradução do hebraico (מָשִׁיחַ) e ambos apontam para a unção, a divina chamada, capacitação e o comissionamento para uma missão específica.

Embora o termo “ungido” seja empregado no Antigo Testamento em relação a pessoas comuns, ou seja, limitadas e falhas, já existia entre os judeus a ideia de um Messias, alguém divinamente ungido e comissionado para libertar Israel de forma definitiva. João relata dois episódios em que o termo traduzido como “Messias” é empregado em relação a Jesus (Jo 1.41; Jo 4.25), deixando evidente que já havia em Israel a expectativa pela chegada do Messias, o Redentor de Israel – conforme atestaram Gideão e a profetisa Ana (Lc 2.25-38) ao encontrarem Jesus no Templo.

É sobre o Messias que Mateus discorre em seu registro. A esperança messiânica estava cumprida com o nascimento de Jesus, e aquele judeu cobrador de impostos dedicou-se a anunciar essa boa notícia aos seus irmãos judeus. Até mesmo os judeus menos religiosos, que não aguardavam tão avidamente a vinda do Ungido de Yahweh, certamente conheciam as tradições rabínicas acerca da chegada do Messias. Textos como Isaías 7.14, Daniel 9.25, entre outros, deixavam muitos judeus esperançosos pela chegada daquele que, por fim, libertaria

¹¹ **BÍBLIA de estudo palavras-chave Hebraico e Grego.** Texto bíblico: versão Almeida Revista e Corrigida. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 2463-2464.

¹² **BÍBLIA de Estudo,** 2011, p. 1776.

Israel e se assentaria no trono eterno. O Messias prometido haveria de vir, e muitos tinham convicção sobre essa promessa das Escrituras, associando inclusive o texto de Isaías 9.6-7 a pessoa que Deus enviaria com esse propósito. Sobre essa expectativa, Champlin afirma que a teologia dos hebreus, após o exílio, aguardava a futura renovação de um imenso e exaltado reino de Israel.¹³

Diante dessa expectativa é que Mateus notoriamente aponta para Jesus como Messias, como cumprimento da profecia do Antigo Testamento, usando para isso, segundo Mauerhofer, as expressões “para que se cumprisse” e, “pois, assim escreveu” em Mateus 1.22; 2.5,15,17,23; 4.14, entre outros. Mauerhofer também menciona Eusébio, importante historiador eclesiástico do séc. IV, e comenta sobre a autoria e o público-alvo de Mateus: “O autor era judeu e escreveu para judeus”.¹⁴ Ainda, segundo Mauerhofer, é impossível não notar o propósito de Mateus ao redigir seu Evangelho. Ele tem o claro objetivo de comprovar, à luz das Escrituras, que Jesus é o Messias profetizado ao longo de todo o Antigo Testamento, o Legislador divino que leva o Antigo Testamento ao cumprimento.¹⁵

Jesus, portanto, sob a pena de Mateus, era a materialização da promessa e a encarnação do anúncio do Antigo Testamento: a lei e os profetas anunciavam a chegada daquele que viria ao mundo com poder e autoridade, com a unção de Yahweh para exercer poder e domínio, para realizar sinais e prodígios, para curar e salvar, para restaurar e governar. Embora muitos em Israel expectassem a chegada de um Messias político, o publicano Mateus comprova em seu Evangelho que chegou ao mundo o Filho de Deus para trazer salvação ao seu povo; o judeu cobrador de impostos, por isso desprezado, teve o claro objetivo de alertar e avisar seu povo, sem rodeios: o Messias veio cumprir as Escrituras e seu nome é Jesus.

2. JESUS, O SERVO

Marcos em seu Evangelho retrata Jesus como servo. A ideia, por simples que possa parecer, é profunda, intrigante e desafiadora em sua análise e compreensão. O Filho de Deus encarnou com o propósito de cumprir uma missão humanamente impossível, e espiritualmente concedida a ele pelo próprio Deus Pai. A descrição de Jesus como servo vai de encontro com a expectativa de muitos, que aguardavam um líder com poderes sobre-humanos que pudesse, com mão forte e poderio celeste, livrar Israel da opressão romana; Marcos, porém, optou por descrever a missão desempenhada por Jesus sob a ótica do serviço. Somente pela atenta observação do contexto em que Marcos redigiu seu Evangelho é que se pode compreender o propósito de sua mensagem.

¹³ CHAMPLIN, Russell N.; BENTES, João M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, vol.2, p. 505.

¹⁴ MAUERHOFER, Erich. **Introdução aos Escritos do Novo Testamento**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010, p. 105.

¹⁵ MAUERHOFER, 2010, p. 102.

2.1 Contexto e Propósito de Marcos

Pouco se pode afirmar sobre o evangelista Marcos, pois tal como no Evangelho de Mateus, também no relato de Marcos não se encontra autoria expressa em seu texto. Atribui-se o segundo Evangelho Sinótico a Marcos também por meio da tradição histórica que, desde os primórdios da igreja, o aponta como seu autor. O historiador Eusébio de Cesareia menciona em sua obra os escritos de Papias, Bispo de Hierápolis, que assim teria registrado:

E João, o presbítero, também disse isto: Marcos, sendo o intérprete de Pedro, tudo o que registou, escreveu-o com grande exatidão, não, entretanto, na ordem em que foi falado ou feito por nosso senhor, mas, conforme se disse, esteve em companhia de Pedro, que lhe deu tanta instrução quanto necessária, mas não para dar uma história dos discursos de nosso Senhor. Assim Marcos não errou em nada ao escrever algumas coisas como ele as recordava; pois teve o cuidado de atentar para uma coisa: não deixar de lado nada que tivesse ouvido nem afirmar nada falsamente nesses relatos. Tal o relato de Papias a respeito de Marcos.¹⁶

Também pela tradição histórica, estudiosos creem que o autor do segundo Evangelho do cânon bíblico seja “aquele João, que tinha por sobrenome Marcos, a quem o Novo Testamento se refere oito vezes”, ou seja, o parente de Barnabé, companheiro na primeira viagem missionária de Paulo, mencionado em Colossenses 4.10.¹⁷ A provável associação de Marcos com o apóstolo Pedro é relevante para a análise de seu Evangelho; enquanto alguns o desmerecem como apenas um ouvinte de relatos de terceiros, ao considerar que Pedro tenha narrado a Marcos os episódios vividos e os ensinamentos ouvidos diretamente de Jesus, seu Evangelho ganha muito peso e importância. Mauerhofer menciona a predominância da ação sobre os discursos no Evangelho de Marcos, o que condiz com a personalidade de Pedro, notoriamente um homem bem mais propenso às ações mais do que às palavras.¹⁸ O autor do segundo Evangelho Sinótico parece ser o mesmo Marcos que decidiu voltar da Panfília durante a viagem missionária, deixando Barnabé e Paulo e gerando posteriormente entre eles “desavença tal, que vieram a separar-se” (At 15.36-41).

A ampla maioria de estudiosos entende, sem maiores celeumas, ser João Marcos, o parente de Barnabé, o autor do segundo Evangelho Sinótico. Seu nome tem dupla origem: João (Ἰωάνης, Yôhānān) é de origem judaica e significa “Yahweh é gracioso”, enquanto Marcos (Μάρκος, Markos) tem origem latina e significa “defesa”.

Cabe ainda destacar o que estudiosos chamam de “Problema Sinótico”, questão que busca responder qual teria, dentre os Sinóticos, o primeiro Evangelho a ser redigido. Quanto a essa questão, Champlin é categórico ao dizer que “é bem mais fácil expor a natureza do problema das fontes informativas dos Evangelhos Sinóticos do que afirmar qualquer conclusão certa”.¹⁹ Alguns eruditos destacam, ainda sobre o chamado “Problema Sinótico”, a

¹⁶ CESARÉIA, Eusébio de. **História eclesiástica**. Tradução de Lucy Iamkami e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 118-119.

¹⁷ DAVIDSON, F. (Org.). **O novo comentário da Bíblia**. 7.ed. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 985.

¹⁸ MAUERHOFER, 2010, p. 128.

¹⁹ CHAMPLIN, 1995, vol. 5, p. 411.

suposta “primazia de Marcos”, pela qual admite-se que este teria sido o primeiro Evangelho redigido dentre os Sinóticos. Mas outra ideia antiga teria sido popularizada por Agostinho, pela qual Mateus teria sido o redator original, e Marcos teria elaborado um sumário do relato do apóstolo outrora publicano.²⁰

Dockery conclui seu comentário sobre o Evangelho de Marcos de maneira interessante: “Marcos desafia seus leitores a abrir os olhos e ver Jesus como ele realmente é. Ele nos incentiva a seguir o exemplo desse Servo do Senhor que sofre e morre”.²¹ É preciso, portanto, analisar a perspectiva de Jesus não só como Filho de Deus, mas também como Servo, conforme propõe o registro de Marcos.

2.2 A Missão do Servo

Marcos resume em seu Evangelho a missão de Jesus usando as próprias palavras proferidas pelo Filho de Deus, que afirmou não ter vindo ao mundo para ser servido, mas para servir e dar sua própria vida em resgate de muitos (Mc 10.45). O verbo empregado por Marcos ao redigir essa afirmação de Jesus, traduzido como “servir” é o verbo *διακονέω* (*diakoneō*), do qual vem o termo “diácono”. Esse verbo tem sentido de serviço, se referindo a alguém que serve e atende, inclusive no ambiente doméstico, com relação aos que serviam os convidados à mesa durante festas e banquetes.

Ao empregar esse verbo em relação a Jesus, o judeu Marcos não estava enfatizando seu poder, autoridade e majestade: sem contestá-las, Marcos simplesmente prefere evidenciar um verdadeiro paradoxo para qualquer judeu que aguardava o Messias, o Ungido de Yahweh que viria ao mundo para liderar as forças de Israel contra seus inimigos e opressores. Porém, conforme destaca Stern, “o Reino de Deus funciona de forma diferente dos reinos do mundo; aqueles que são grandes não devem buscar poderes, mas serem servos”.²²

Marcos retrata Jesus como servo, alguém que veio ao mundo para cumprir uma missão de serviço e desempenhar uma obra que se refere não ao próprio bem, mas ao bem de outros. “A sua dedicação foi a uma vida de ministério altruísta. O Filho do Homem não veio para ser grande como os homens consideram a grandeza; pelo contrário, ele queria não ser servido, mas servir”.²³

Embora paradoxal, a proposta de Marcos em retratar o Filho de Deus como servo não era desconexa nem inédita. O texto de Isaías, oriundo de um contexto de mais de seis séculos antes, já evidenciava no capítulo 53 o Ungido de Deus como um servo, associado não apenas ao serviço de outros, mas também ao sofrimento. Culmann afirma que “numerosas palavras

²⁰ CHAMPLIN, 1995, vol. 5, p. 416.

²¹ DOCKERY, 2001, p.621.

²² STERN, David. **Comentário judaico do Novo Testamento**. Tradução de Regina Aranha. Belo Horizonte: Atos, 2008, p. 167.

²³ ALLEN, Clifton (Edit.). **Comentário bíblico Broadman**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, vol. 8, p. 427.

de Jesus apresentam, sem equívoco possível, seu sofrimento e sua morte como parte integrante da obra que deve realizar para cumprir o plano divino de salvação”.²⁴

Sobre a associação do Messias com o texto de Isaías, especificamente no trecho de 52.13 a 53.12, Champlin é enfático ao afirmar que “tentar aplicar o que se segue aqui a Israel e apagar as referências messiânicas é um suicídio interpretativo. Nada existirá de messiânico em todo o Antigo Testamento se esta passagem não for messiânica”.²⁵ Beale e Carson também apontam o quão difícil é dissociar o Messias do servo sofrido descrito por Isaías, quando afirmam: “Quanto à segunda parte de Marcos 10.45 [...] até os críticos admitem que é difícil negar o paralelismo com Isaías 53.12. O fato é que a própria singularidade da ideia no Antigo Testamento fortalece o vínculo com Marcos 10.45”.²⁶

Jesus veio claramente cumprir a missão divinamente outorgada a ele, cumprindo assim a profecia de Isaías sobre o sofrimento do servo enviado por Yahweh. Tal conclusão certamente ia de encontro às expectativas de muitos naquele contexto, o que justifica a forte perturbação causada por Jesus aos seus discípulos, especialmente a Pedro, no episódio conhecido como o “Lava Pés”, relatado por João em seu Evangelho, confirmando a ênfase de Marcos quanto ao serviço de Jesus.

Embora não tenha registrado o episódio do “Lava Pés” em seu Evangelho, Marcos oferece outro relato que confirma a disposição de Jesus para ensinar seus discípulos sobre a importância do serviço. Em Marcos 9.33-37 Jesus intervém num debate entre seus discípulos sobre quem seria o maior no Reino de Deus, ensinando que todo aquele que busca ser maior, acabará sendo o último e servo de todos (v.35). Sobre a comparação entre esse relato de Marcos e o registro do “Lava Pés” feito por João, Kunz explica:

Embora o evangelista João não relate o episódio com a criança colocada ao centro, ele relata um outro fato que transmite, também através de uma ação parábola, praticamente a mesma lição que os discípulos tiveram em Cafarnaum. No Evangelho de João a lição a lição fica por conta do momento em que Jesus lava os pés dos seus doze orgulhosos discípulos (Jo 13.1-17). Ali a sentença declarativa de Jesus é igualmente direta: “Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam o mesmo”.²⁷

Marcos, portanto, evidencia a missão de Jesus, o Filho de Deus, como servo que veio servir com sua própria vida, e não como aquele que teria vindo para ser servido. Tal lição foi dada por meio de seus ensinamentos e palavras, mas enfatizada e até dramatizada por meio de suas ações, até sua crucificação.

²⁴ CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2004, p. 87.

²⁵ CHAMPLIN, Russell N. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 195.

²⁶ BEALE, G.K.; CARSON, D.A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução de C.E.S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 254.

²⁷ KUNZ, Claiton André. **Ações parábolas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 182.

3. JESUS, O SALVADOR

Lucas em seu Evangelho apresenta Jesus como salvador, usando para isso as palavras do próprio Filho de Deus, ao dizer que veio ao mundo “buscar e salvar o perdido” (Lc 19.10). A salvação se trata de uma intervenção, ou seja, a mudança na história de vida e no rumo espiritual de alguém que caminha rumo à perdição. Além de observar a obra salvadora de Jesus, é preciso também entender a perdição da qual ele veio salvar, não sem antes entender o contexto e propósito de Lucas ao redigir seu Evangelho.

3.1 Contexto e Propósito de Lucas

Diferente dos outros Evangelhos canônicos, Lucas deixa claro, logo ao iniciar seu registro, tratar-se de um trabalho de pesquisa com um destinatário específico, a quem ele chama de Teófilo (Lc 1.3). O mesmo Teófilo é mencionado também no início do texto de Atos dos Apóstolos, também de autoria de Lucas – comprovando que ambos, o Evangelho e o relato dos atos apostólicos, foram escritos por Lucas, formando uma só obra, composta por dois volumes.

Lucas é mencionado nominalmente três vezes no Novo Testamento, sempre pelo apóstolo Paulo (Cl 4.14; 2Tm 4.11; Fl 24) que se refere a ele não apenas como médico, mas também como um amigo amado e seu colaborador ministerial. O próprio Lucas se inclui em seus relatos ao usar a terceira pessoa no livro de Atos, especialmente a partir de Atos 16.10, indicando que Lucas passou a integrar a equipe que viajava com Paulo, a partir de Trôade. Sobre a autoria de Lucas e sua colaboração ministerial com Paulo, o historiador Eusébio de Cesareia assim afirmou em sua História Eclesiástica:

Lucas, nascido em Antioquia e médico de profissão, por muito tempo companheiro de Paulo e bem familiarizado com os outros apóstolos, nos deixou em dois livros inspirados nas instituições daquela arte de cura espiritual que deles obteve. Um deles é o Evangelho em que testifica ter registrado “de acordo com a tradição recebida dos que foram testemunhas oculares desde o princípio e ministros da palavra” a ele transmitida. Aos quais também, afirma ele, seguiu em tudo. E o outro é os Atos dos Apóstolos que compôs não de acordo com testemunhos ouvidos de outros, mas com o que viu com os próprios olhos.²⁸

Seu nome, do grego Λουκάς (Loukas) é uma forma abreviada de “Loûkius” e significa “iluminador”.²⁹ Considerando a afirmação de Paulo sobre Lucas, “o médico” (Cl 4.14), pode-se afirmar que se tratava de alguém com acesso à educação e à cultura. Champlin afirma que a linguagem de Lucas e seu estilo mostram ter sido ele homem de elevada erudição, como também era um grego de boa educação, além de historiador de mão cheia. Mais ainda, Champlin comenta sobre Lucas: “A igreja cristã lhe deve uma imensa dívida, porque sem os

²⁸ CESARÉIA, 1999, p. 81-82.

²⁹ CHAMPLIN, 1995, vol. 3, p. 913-914.

seus escritos, nosso conhecimento sobre o cristianismo primitivo seria extremamente limitado e entrecortado”.³⁰

O Evangelho de Lucas traz informações sobre Jesus que nenhum outro Evangelho canônico traz. Além dos relatos sobre a infância não só de Jesus, mas também de João Batista, seu registro também informa sobre a pesca milagrosa e seu impacto sobre Pedro (Lc 5.1-11), as mulheres que ajudaram Jesus (Lc 8.1-3), a visita de Jesus a Marta e Maria (Lc 10.38-42), além de algumas curas, tais como a mulher aleijada (Lc 13.10-17), o homem hidrópico (Lc 14.1-6) e os dez leprosos (Lc 17.11-19). Lucas também relata, de forma exclusiva, algumas parábolas, como o bom samaritano (Lc 10.25-37), a figueira estéril (Lc 13.6-9) além da tríade composta pela ovelha, a moeda e o filho, outrora perdidos e depois achados (Lc 15.1-32). Segundo Carson, Moo e Morris, o volume de informações nos registros de Lucas é notável, porém não se deve restringir seu Evangelho somente aos trechos que somente ele menciona; até mesmo nos trechos comuns aos demais Evangelhos, Lucas os redige de maneira peculiar.³¹

Porém, dentre todas as peculiaridades contextuais e características literárias especiais dos escritos de Lucas, é preciso destacar seu evidente e inegável propósito: apresentar não somente ao ilustre Teófilo, mas a todos, a vida e obra de Jesus, o Filho de Deus, que veio ao mundo como o Salvador, seja nas gratas palavras de Maria em Lucas 1.47, seja na mensagem angelical transmitida aos humildes e felizardos pastores em Lucas 2.11.

3.2 A Missão do Salvador

Carson, Moo e Morris comentam sobre o Evangelho de Lucas:

O apelo que Lucas faz às Escrituras é de relevância especial. Ele se une a outros escritores neotestamentários para identificar no Antigo Testamento não apenas predições verbais de Jesus, o Messias, mas modelos de eventos salvíficos que predizem o alvorecer da era da salvação”.³²

Segundo esses autores, Lucas é o “teólogo da *Heilsgeschichte*”, termo alemão que se refere à história da salvação descrita ao longo da Bíblia. A salvação para os pecadores – quer judeus ou gentios – é tema basilar para Lucas em seu registro, e Jesus é quem possibilita essa salvação, por meio de sua vinda, sua morte vicária e sua ressurreição sobrenatural. Foi exatamente para isso que Jesus veio ao mundo: para propiciar a salvação, para ser ele mesmo o Salvador.

É preciso, primeiramente, entender a necessidade de salvação – e do que especificamente o ser humano precisa ser salvo. João relata no capítulo 3 de seu Evangelho o diálogo entre Jesus e Nicodemos, um fariseu de destaque em Israel. A ele, Jesus diz a célebre afirmação que muitos afirmam ser a verdade central de toda a Bíblia: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). O motivo da vinda de Jesus ao mundo foi evitar que o ser humano pereça.

³⁰ CHAMPLIN, 1995, vol. 3, p. 914.

³¹ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 143.

³² CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 142.

O verbo empregado em João 3.16 e traduzido como “perecer” é ἀπόλλυμι (apollymi), que se refere a uma destruição total e definitiva. Formada pelo prefixo “apo” que denota intensidade, juntamente com a forma média do substantivo “ollymi” que significa destruir. A ideia do termo é uma destruição intensa, completa, eterna e irreversível. Em relação a coisas, significa “trazer a zero, anular”; em relação a pessoas, significa “levar à morte, fazer perecer”, tanto no sentido da morte física como também da morte eterna, a exclusão do reino do Messias – segundo o Dicionário Grego de Strong.³³

A vinda de Jesus ao mundo tinha o claro objetivo de oferecer a todos quantos creem nele a salvação dessa morte espiritual irreversível e eterna. Jesus não veio resolver uma questão de gravidade mediana que pudesse ser humanamente sanada; a salvação oferecida por Ele se refere ao eterno afastamento de Deus. A salvação é tema de grande importância para Lucas: Carson, Moo e Morris destacam que Lucas utiliza o verbo “salvar” com mais frequência do que qualquer outro livro do Novo Testamento.³⁴

O tema também é bastante abordado por Paulo, que na carta aos Romanos expõe a natureza humana pecaminosa e a necessidade de salvação espiritual a todos, quer judeus ou gentios. Em Romanos 2.12, Paulo afirma que “assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão”. Com isso, fica evidente que todos perecerão, se permanecerem sem Jesus. Judeus sem o Messias e somente pelas obras da Lei não de percer; os gentios, mesmo sem o advento da lei mosaica, também perecerão se Jesus não operar neles a salvação. Ainda segundo Carson, Moo e Morris, a salvação não se restringe a um grupo ou etnia, mas é aberta graciosamente a todos, pois não há que se falar em salvação exclusiva para judeus ou tratamento mais favorecido em relação a Israel. Por essa razão, Lucas destaca o cântico de Simeão, que cantou em Lucas 2.32 que o menino Jesus era “luz para revelação aos gentios”.³⁵

O texto de Lucas 19.1-10 relata o episódio em que Jesus encontra-se com Zaqueu e declara sua salvação, afirmando ter vindo ao mundo exatamente para “buscar e salvar o perdido”. Sobre esse trecho, Wiersbe destaca que o Salvador foi divinamente enviado ao mundo para buscar ativamente os perdidos:

Zaqueu pensou que estava procurando Jesus (Lc 19.3) mas, na verdade, era Jesus quem o procurava (Lc 19.10)! Não é próprio da natureza do pecador perdido buscar o Salvador (Rm 3.11). Quando nossos antepassados pecaram, esconderam-se de Deus, mas ele foi procurá-los (Gn 3.1-10). Jesus procurou os perdidos enquanto ministrava aqui na terra...³⁶

O Salvador, conforme relato de Lucas, é aquele que opera e concede salvação aos pecadores; é ele quem age para buscar os afastados, encontrar os perdidos e salvar os pecadores. Embora haja a necessidade de o pecador reconhecer sinceramente seus pecados e verdadeiramente se arrepender, a salvação não é obtida, alcançada ou conquistada – mas é graciosamente concedida por Deus e divinamente proporcionada por Jesus. “Ele [Cristo] é, e

³³ BÍBLIA de Estudo, 2011, p. 2084-2085.

³⁴ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 144.

³⁵ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 144-145.

³⁶ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica, 2007, p. 326.

será o autor da salvação eterna a todos os que o aceitam, como Zaqueu”.³⁷ Ninguém pode salvar a si mesmo e sem Jesus ninguém é salvo: a salvação, portanto, só é possível por meio de Jesus, o Salvador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida e obra de Jesus são registradas na Bíblia por quatro autores diferentes. Dentre os quatro relatos, três possuem inegável similaridade, a ponto de serem classificados como “Sinóticos”, pois demonstram analisar e descrever Jesus praticamente sob a mesma ótica.

Por mais que alguns julguem desnecessário incluir no cânon bíblico diferentes registros sobre a mesma temática, ainda mais quando três deles possuem grande porcentagem de material comum entre eles, é importante notar que cada um dos Evangelhos Sinóticos enfatiza um determinado aspecto sobre a missão de Jesus, o Filho de Deus, ao vir a este mundo.

As três diferentes ênfases dos Evangelhos Sinóticos precisam ser observadas, estudadas e compreendidas separadamente – haja vista terem sido registradas por pessoas distintas, sob diferentes contextos e com diferentes propósitos e alvos. Porém, é preciso também que as três ênfases, por diferentes que sejam, venham a ser apropriadas e desfrutadas conjuntamente, afinal trata-se de abordagens sobre uma só pessoa, Jesus o Cristo, o Ungido de Deus que se submeteu servilmente ao chamado de seu Pai e veio ao mundo para buscar e salvar todos os pecadores que nele creem.

Se Mateus produziu seu registro para enfatizar o cumprimento de toda promessa messiânica do Antigo Testamento em Jesus, se Marcos registrou a vida e obra de Jesus para anunciar que o Rei veio ao mundo para servir e dar a si mesmo por resgate, e se finalmente Lucas escreveu para confirmar a Teófilo que o Filho de Deus é o único capaz de buscar, encontrar e salvar o ser humano da morte eterna, os Evangelhos Sinóticos oferecem então aquilo que todo ser humano necessita. Os três Evangelhos, apesar de suas diferenças contextuais, literárias e de abordagem confirmam a fidelidade de Deus, sua disposição em agir em favor do ser humano e a necessidade de todos serem salvos por ele, e somente por ele.

Justifica-se, assim, haver três relatos tão similares no cânon bíblico, pois oferecem uma importante “Cristologia Sinótica”: a fidelidade, a humildade, bem como a eternidade que há na pessoa, no ensino e no agir de Jesus, o Filho de Deus, o Servo Sofredor e Único Salvador de todo aquele que nele crê.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton (Edit.). **Comentário bíblico Broadman**. Vol.8. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

BEALE, G.K.; CARSON, D.A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução de C.E.S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.

³⁷ HENRY, 2017, p. 689.

BÍBLIA de estudo palavras-Chave Hebraico e Grego. Texto bíblico: versão Almeida Revista e Corrigida. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CESARÉIA, Eusébio de. **História eclesiástica.** Tradução de Lucy Iamkami e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CHAMPLIN, Russell N.; BENTES, João M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995.

CHAMPLIN, Russell N. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo.** São Paulo: Hagnos, 2018.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento.** Tradução de Daniel Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2004.

DAVIDSON, F. (Org.). **O novo comentário da Bíblia.** 7.ed. São Paulo: Vida Nova, 1985.

DOCKERY, David S. **Manual bíblico Vida Nova.** Tradução de Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2001.

DOUGLAS, J. D. (Org.). **O novo dicionário da Bíblia.** Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1991.

HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento – Mateus.** Vol.1. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

KEENER, Craig. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento.** Tradução de João Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos.** Curitiba: ADSantos, 2018.

MAUERHOFER, Erich. **Introdução aos escritos do Novo Testamento.** Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010.

STERN, David. **Comentário Judaico do Novo Testamento.** Tradução de Regina Aranha. Belo Horizonte: Atos, 2008.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo.** Santo André: Geográfica, 2007.